

## ECOLOGIA DA SUBJETIVIDADE: A REPRESENTAÇÃO DO SER EM *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

Nathali Ramos Moura (Graduanda em Letras – UFRJ)

Esta apresentação se propõe a uma abordagem ecocrítica do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, tendo como ponto central o protagonista, Fabiano. Entretanto, para esclarecer o percurso, acredito que seja necessário responder à mais inquietante questão, que esta linha de pesquisa suscita: - Que tipo de relacionamento pode haver entre *Literatura & Ecologia*? Segundo o professor Manuel Antonio de Castro, a palavra Ecologia é proveniente da junção dos vocábulos gregos *Oikos*, que significa: habitação, raça, família; e o verbo *leguein*: dizer, ordenar, anunciar, ler. Este verbo, em língua portuguesa, originou elemento de composição, *Logia* que, como explica *HOUAISS*, pode significar “tratamento sistemático de um tema”.

Sendo assim, verifica-se que, originalmente, a palavra ecologia, ao contrário de seu uso atual, é enfocada como "toda a força originária, pela qual o homem manifesta o seu sentido permanente,<sup>1</sup>" isto é, o seu modo humano de habitar. Podemos associar esse sentido do ecológico às proposições de Félix Guattari, que em seu livro *As Três Ecologias*, apresenta a existência de três registros ecológicos, o Ambiental- aquele que corresponde ao relacionamento do homem com meio ambiente; o Social, que implica nas relações entre os homens; e o Subjetivo, como o próprio nome diz, é o registro da subjetividade humana.

Guattari parte do princípio de que a ecologia da subjetividade é a mola mestra para a organização dos outros registros ecológicos. É a mente humana a responsável pela compreensão das relações em sociedade, e de como o homem pode atuar no meio em que se insere. Partindo desse pressuposto, o autor sugere a criação de uma ECOSOFIA, ou seja, uma articulação ético-estética, que propõe a reinvenção da subjetividade humana, das relações do sujeito com o corpo, com o seu Ser.

Sob a ótica ecosófica, não basta pensar para ser, como afirmava Descartes; pois o sujeito só existe no momento em que pensa e apreende a si mesmo e põe-se a compreender o outro. Através do estudo da subjetividade humana, de sua *psiqué*, podem-se desvendar fatos que desencadeiam incidentes antiecológicos desastrosos à humanidade, levando-se em conta que, em todas as áreas da sociedade, as práticas do indivíduo se refletem na coletividade.

O resgate do princípio de respeito à alteridade, isto é, às diferenças, é uma das saídas mais eficientes à restauração do sentido do verdadeiro habitar, na relação entre humanos e não-humanos. E, neste sentido, Guattari propõe a criação de “*territórios existenciais*”, que seriam espaços em que o ser está propício a re-singularização e à reinvenção de sua subjetividade.

A criação de “*territórios existenciais*”, trazida para o campo da criação literária, dialoga com a pesquisa do inglês William Rueckert, que cria uma Ecocrítica, voltada para a relação da ecologia e seus conceitos ao estudo da literatura. Unindo-se as propostas guattarianas e rueckertianas, podemos dizer que a sala de aula seria um “*território existencial*” em potencial, sobretudo, no que diz respeito às aulas de literatura, tendo em vista que Rueckert considera essa disciplina como fonte renovável de energia; pois a obra literária é algo vivo, contínuo, proveniente de matrizes gêmeas e sempre gerativas: a linguagem e a imaginação.

Assim sendo, pela leitura, o ensino e o discurso crítico, o texto literário liberaria, energia armazenada para fluir ao leitor, ouvinte, ou aluno, constituindo-se em fonte multiangular de energia criativa. Pelo exposto, verifica-se que a inter-relação entre Literatura & Ecologia não consiste em algo absurdo, mas, sim, em uma questão de ampliação do conhecimento humano e de sua percepção do mundo.

Neste trabalho, a escolha de um romance brasileiro da *geração de 30* para o exercício da relação entre ecologia e literatura, deve-se ao fato de que *Vidas Secas*, em particular, apesar de estar registrado nos manuais como sendo um romance regionalista, possui caráter universal, pois assim como afirmou José Américo de Almeida, na abertura de *A Bagaceira*: “..a dor é universal, porque é uma expressão da humanidade<sup>ii</sup>”. Além disso, Graciliano Ramos realiza em seu livro, um delineamento das motivações psicológicas das personagens, fazendo com que a situação do homem na ânsia de Ser tome o primeiro plano na trama do romance. E, é a tensão entre o ser e o não ser de Fabiano, que se tenta perseguir neste texto.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos faz um flagrante da situação anti-ecológica na qual Fabiano se encontra, em sua luta para sobreviver, já que a ambiência lhe empurra para o sentido contrário.

No primeiro capítulo, *Mudança*, o autor deixa transparecer as mazelas causadas pela seca, através do comportamento rude e sertanejo de Fabiano: “- *Anda, condenado*

*do diabo, gritou-lhe o pai.*” Esta aspereza para com o *menino mais velho*, não significa falta de amor para com a criança, mas reflexo de uma estrutura social que o obrigou a ter o coração seco. Ele e sua família não são sujeitos, mas são objetos fabricados pela indústria da seca. Sua subjetividade, como demonstra Guattari, está em processo de “laminação”- o que o autor classifica como uma perda de valores identitários do sujeito, fruto de uma política capitalista de exploração e manipulação do homem, levando-o a um estado de coisificação<sup>iii</sup>.

Para Fabiano, ser representa fincar seus pés em uma terra, estabelecer-se em um lugar que possa dar condições melhores aos seus filhos, condições que ele nunca pudera obter. Em sua saga pela sobrevivência física, e, também pela sobrevivência existencial, há momentos de tensão psicológica em que ele tenta identificar-se como sujeito. Ele sente a necessidade de chegar a algum lugar, mas este lugar não se detém às fronteiras geográficas. O que intrinsecamente Fabiano deseja é chegar ao encontro do seu ser, vejam - se os trechos:

A seca parecia-lhe como um fato necessário (...) o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (p.8)

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - você é um bicho, Fabiano. (p.20)

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha - e ali estava forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco. (p.21)

Deu estalos com os dedos, a cachorra Baleia, aos saltos, veio lamber-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se: - Você é um bicho Baleia. (...)

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. (p.22).

Paradoxalmente, a seca que o obrigava a partir à procura de outra perspectiva de vida, era a mesma que tramava a manutenção do sistema de exploração em que ele estava preso. Em sua errância de sertanejo, procurava afirmar-se como sujeito, mas identificava-se como bicho; por vezes sentia-se homem, e por vezes, também, via-se como a cadela baleia, fiel companheira de sua família.

Em sua jornada, buscava também uma interação com os outros, que na maioria das vezes era dificultada por sua incapacidade de comunicar-se. Por exemplo, no episódio da *Prisão* são a floradas situações de ordem política, social e moral, que competem para o silenciamento do protagonista diante de situações de abuso de poder, representado pela figura do “soldado amarelo”. Este tipo de situação se enquadraria no que Guattari considera anti-ecológico, em se tratando das relações sociais :

Por que tinham feito aquilo? Era o que não Podia saber

Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele (...) não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo: - Safado, mofino, escarro de gente.(p.36)

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se; Bem, bem. Não há nada não. (p.38)

Nos trechos acima percebe-se que o soldado amarelo é a personificação do sistema opressor da sociedade, recriada no romance. Fabiano e sua família formam o quadro de um fenômeno trágico e, não há, racionalmente, explicações para a situação em que se encontram. Tudo já era assim desde o princípio. Seu pai não “fora”, ele não “era” e, muito possivelmente, seus filhos “não seriam”; esse traço de objetivação fica evidente, atentando-se para o fato de que os filhos são seres inominados, referidos, somente, pelos títulos de “menino mais novo” e “menino mais velho”.

Ainda no capítulo d’A Prisão, é interessante observar como a palavra, ou melhor dizendo, o bom uso dela, é fato importante para Fabiano. Haja vista que, se pudesse ter se defendido com palavras, talvez não tivesse passado pelos maus bocados que enfrentou na prisão. Ele “ *Não podia arrumar o que tinha no interior. Se*

*pudesse...Ah! Se pudesse atacaria os soldados amarelos que espancavam as criaturas inofensivas”.*

Vale ressaltar que parte da admiração que o vaqueiro possui por Seu Tomás da Bolandeira e Sinhá Terta, deve-se, em parte, ao fato destes dois personagens possuírem uma familiaridade com a linguagem, que ele não possui.

Essa questão torna-se relevante, aqui, pois é por meio da linguagem que o ser humano se apropria da realidade que o cerca, é por meio dela que o ser funda em relação ao outro. E, no romance, vemos que a “pobreza de linguagem que é uma das marcas do embrutecimento ao qual a família de retirantes é submetida. Como explícito no capítulo “Inverno”:

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto. (p.77-78)

Essa incapacidade comunicativa da família de retirantes, e, sobretudo, de Fabiano, retoma o conceito de laminação da subjetividade abordado por Guattari, em Três Ecologias, pois diante da ineficiência comunicativa, Fabiano vê-se bloqueado para agir diante das situações que o cercam. Desta forma, o personagem vive a tensão entre “*a ânsia de ser X impossibilidade do ser*”<sup>1</sup>

Assim, como considerou José Maurício Gomes de Almeida:

Fabiano, com raízes profundamente plantadas na realidade, mostra-se contudo incapaz de modificá-la (como desejaria), porque a consciência que possui de sua própria condição e da sociedade na qual se insere é demasiado precária, fragmentada, instintiva, (...) A deficiência na

manipulação da linguagem corresponde, no vaqueiro, a análoga deficiência na compreensão da realidade, pressuposto de qualquer ação eficaz.  
(p.307)

A luta de Fabiano para ultrapassar as barreiras oriundas da seca, também se torna uma espécie de metáfora de uma ultrapassagem interior, demonstrada por errância na procura do lugar para a morada de seu ser, lugar este de singularização e reconhecimento de si próprio enquanto sujeito.

Neste ponto, podemos retornar a proposição de Ruckert, considerando que o texto literário, representado aqui por *Vidas Secas* é capaz de realizar “*uma transferência da energia armazenada no texto, e quando liberada deságua nos centros da linguagem e na imaginação criativa dos leitores*”, sendo capaz de causar estranhamento e um abalo na maneira de pensar a si mesmo, o socius, o ambiente, enfim, o mundo.

*Vidas Secas* ultrapassa a realidade do sertão, fazendo uma espécie de retrato eterno do homem oprimido pelas circunstâncias, que luta para afirmar sua dignidade e tentar sobreviver às situações adversas.

Afirmando este caráter denunciador, não quero retirar da obra o seu valor estético, pois compreendendo que a literatura não está a serviço de, seu caráter é artístico, entretanto, por mais paradoxal que seja, é justamente por não possuir obrigação utilitária que ela informa, e vive, e revive, e renova, e se renova, imortalizando-se em páginas e, principalmente, no impacto causado no leitor, que pode se descobrir, mesmo longe da seca, um Fabiano, estrangeiro, apatriado, no lugar em que mora, mas não habita.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. O regionalismo nordestino de 30. In: *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)*. 2ª ed. rev.-Rio de Janeiro.TOPBOOKS Editora,1999.
- BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a filosofia da história*. p.153-164. trad.: Kothe, Flávio. Editora Ática
- i CASTRO, Manuel Antônio de. *Ecologia: A cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica Maria dos Santos, org. *Literatura e ecologia*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.p.13-23
- COSTA, Lamartine P. da. O olhar e o Pensar Ambientalista. In: SOARES, Angélica Maria Santos, org. *Literatura e ecologia*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.p.35-4
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. - 3 ed. rev. amp. - vol 5. Era Modernista- Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF- Universidade Federal Fluminense, 1986.
- ii DE NICOLA, José. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*.- 15 ed. - São Paulo. Scipione, 1998.
- iii GUATTARI, Félix. *As três ecologias*; tradução de Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. - 3 ed.- Campinas, SP: Papyrus,1991. p.11-12.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar e pensar. In: *Essais et conférences*. Paris, Gallimard, 1958.
- LAGO, Antônio & Pádua, José Augusto. *O que é Ecologia*. São Paulo.Brasiliense,1991.
- iv NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. *Fabiano, herói trágico na tentativa do ser*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1980.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 9ª edição. São Paulo, Martins Editora, 1964. **Todas as citações de *Vidas Secas* serão feitas por essa edição. Por isso, indicarei somente a página de cada citação.**

- <sup>i</sup> RUECKERT, William. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. In Glotseety, Cherryll & from, Harold eds. The ecocriticism reader. Landmarks in literary ecology. Athens na London, Univ. ofew Georgia Press, 1996, p- 105-123.
  - SOARES, Angélica Maria Santos. “ João Cabral de Melo Neto: Uma Poética do Averso.” *Revista Brasileira de Língua e Literatura*. Sociedade Brasileira de línguas e Literatura. Ano II – nº. 3 – 1º. Trimestre de 1980. p 25 a 30.
  - \_\_\_\_\_. Nas águas do erótico ecológico. In: *Literatura e ecologia*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.p.35- 40.
-